

**MARCAS DO CONTATO LINGÜÍSTICO/CULTURAL
RETRATADAS EM DICIONÁRIOS DE LÍNGUA MACUXI**

Alessandra de Souza Santos (UERR)
alessandradess@gmail.com

RESUMO

O escopo deste trabalho é apresentar uma análise inicial das marcas do contato linguístico e cultural, entre os indígenas da etnia macuxi e os não indígenas, presentes em dicionários de língua macuxi. Os dicionários ora analisados são: *Dicionário da Língua Makuxi*, de Raposo (2008) e *Makuxi Maimu, Língua Makuxi Guia para a Aprendizagem e Dicionário Makuxi*, de Amódio & Pira (2007). O dicionário é por excelência um instrumento capaz de armazenar informações importantes sobre determinado sistema linguístico. Com base nas relações intrínsecas existentes entre língua e cultura, em uma análise mais apurada de dicionários de língua, podemos identificar traços de interferência cultural e linguística entre povos que estiveram, ou que permanecem, em situação de contato. Desta forma buscamos, nos dicionários citados, verbetes que permitam perceber e analisar as marcas que o contato linguístico e cultural entre os macuxis e os não indígenas deixaram na língua e na cultura macuxi.

Palavras-chave: Língua. Macuxi. Contatos linguístico e cultural.

1. Introdução

O foco central deste trabalho é apresentar uma análise das marcas do contato linguístico e cultural entre os indígenas da etnia macuxi e os não indígenas, presentes no *Dicionário da Língua Makuxi*, de Celino Alexandre Raposo (2008) e no *Makuxi Maimu, Língua Makuxi Guia para a Aprendizagem e Dicionário Makuxi*, de Emanuele Amódio e Vicente Pira (2007). O contato linguístico e cultural é tido na literatura como um dos fatores que proporcionam mudanças no sistema das línguas em questão, que serão proporcionais ao tempo e forma de contato.

O *Dicionário da Língua Makuxi* foi escrito por Celino Alexandre Raposo, índio macuxi e professor da Universidade Federal de Roraima. De acordo com informações contidas na apresentação da referida obra, as entradas e verbetes são construídos em macuxi, porém, acrescentou-se a cada uma das entradas uma breve “contextualização cultural” em língua portuguesa. Essa decisão é justificada pela intenção de atingir, além dos falantes de macuxi, aqueles que desejam aprender mais sobre a língua e cultura do povo.

O dicionário *Makuxi Maimu, Língua Makuxi Guia para a Apre-*

dizagem e Dicionário Makuxi, de Emanuele Amódio e Vicente Pira (2007), é constituído de duas partes: a primeira traz informações sobre a estrutura gramatical da língua, organizadas em forma de guias para aprendizagem e a segunda apresenta um dicionário bilíngue macuxi/português/macuxi.

A ocorrência de palavras de origem indígena presentes no léxico da língua portuguesa falada no Brasil é assunto bastante discutido e analisado por linguistas, tanto das ciências do léxico quanto por pesquisadores das línguas indígenas. No entanto, poucos são os trabalhos que possuem como alvo o estudo das influências que a língua portuguesa teve, e tem, nas línguas indígenas brasileiras. Este trabalho propõe a apresentação e análise das contribuições da língua portuguesa na construção do léxico da língua indígena macuxi (caribe). Aqui será considerada como língua receptora dos empréstimos o macuxi, e como língua fonte a língua portuguesa. Inicialmente apresento um breve relato sobre a língua indígena em questão e uma rápida revisão da literatura sobre o conceito de cultura e as relações entre contato linguístico/cultural com as mudanças passíveis de ocorrer nos sistemas linguísticos que se encontram na situação de contato linguístico.

2. Contextualizado: os macuxis e o contato linguístico e cultural

A língua macuxi, de acordo com a classificação proposta por Arion Dal'Igna Rodrigues (1986), pertence à família caribe, e é falada em Roraima por indígenas da etnia de mesmo nome e por outros indígenas e não indígenas que convivem com comunidades falantes dessa língua. Esta família linguística indígena possui outros representantes no estado de Roraima como os taurepangues, os uaiuais, os ingaricós e os iecuanas.

As comunidades macuxis, em geral, são formadas por indígenas de outras etnias, que podem ser da mesma família linguística – como os taurepangues – ou de outra família – e o caso de comunidades mistas de macuxis e uapixanas, bem comuns nas áreas correspondentes aos municípios de Cantá, Bonfim e Normandia.

Os primeiros contatos entre os macuxis e os colonizadores ocorreram no início da segunda metade do século XVIII, sendo intensificados somente no século XIX. Os primeiros contatos com os colonizadores ocorreram por conta da pecuária. Os índios foram a mão de obra necessária para desenvolver a atividade pecuarista na região onde hoje está loca-

lizado o estado de Roraima. Apesar da aparente tranquilidade do contato, os macuxis – de forma semelhante às demais populações indígenas do Brasil – tiveram seu território invadido, e sua cultura e língua alteradas, às vezes de maneira inconsciente e em outras de forma mais agressiva.

Os macuxis possuem na atualidade uma população de aproximadamente 20 mil indivíduos. A maioria da população vive ao norte do Estado de Roraima, sendo o maior povo indígena do estado. Um menor contingente desta população reside na República Cooperativista da Guiana, a antiga Guiana Inglesa, mais precisamente em áreas próximas a fronteira com o Brasil.

3. *Conceito de cultura*

Como suporte teórico, utilizamos o conceito antropológico de cultura, proposto inicialmente por Tylor, no qual todo comportamento humano socialmente adquirido é considerado como parte integrante da cultura, deixando esta última de ser determinada genética e hereditariamente para ser determinada coletivamente.

Durante a Conferência Internacional de Educação realizada em Genebra (1994), cultura foi assim definida:

Cultura engloba os modos de vida, as tradições, as crenças, as artes e as letras, integrando ao seu sistema de valores os direitos fundamentais do ser humano. A cultura de um país não se restringe à cultura culta, mas compreende igualmente uma cultura popular. Não se resume à herança, mas se enriquece e se desenvolve tanto pela criatividade como pela memória.

4. *Contato linguístico e mudança linguística: empréstimos linguísticos*

O contato linguístico é comprovadamente um motivador para mudanças no sistema linguístico das línguas que, por alguma razão, estão ou estiveram em situação contato. Essas mudanças podem ocorrer em qualquer dos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e no lexical, e frequentemente atinge mais de um nível linguístico. O quanto uma língua poderá interferir na outra, dependerá do tempo de contato e de fatores externos como importância econômica e política de um dos povos ou nações.

A necessidade de estudar o contato linguístico encontra justifica-

tivas tanto no eixo diacrônico, pela história das línguas, quanto no eixo sincrônico, por sociedades bilíngues ou multilíngues. Ao analisar uma situação de contato linguístico, o linguista, quando possível, deverá considerar em seu trabalho, além dos sistemas das línguas em questão, o quadro que envolve a situação de contato, ou seja, qual o contexto social, econômico e histórico que influenciou ou influencia, a direção do empréstimo. Quanto maior for o prestígio de uma determinada língua/nação maior a influência que essa poderá causar no outro sistema linguístico envolvido no contato.

Para tratar de contato entre línguas, é preciso diferenciar dois níveis de ocorrência de contato linguístico:

- a) Nível ou contexto individual: quando um mesmo indivíduo fala duas línguas, aqui as transferências fonológicas, gramaticais e lexicais atingem apenas o sistema linguístico do próprio indivíduo;
- b) Nível ou contexto social: quando um grupo de falantes de uma língua X entra em contato com outro grupo de falantes da língua Y, existindo a ocorrência de interferência no sistema linguístico que atinja todos os falantes de uma determinada língua.

Normalmente os indivíduos carregam traços de sua primeira língua, L1, para a segunda língua, L2, que venha a adquirir¹⁷. Os traços fonológicos, tais como acento e ritmo, são os mais facilmente transmitidos da L1 para a L2, marcando a diferença entre falantes nativos e falantes de segunda língua. Podem ocorrer também erros na distribuição de alofones ou fonemas em particular que levem a violações no sistema fonológico da “língua-alvo”.

Como dito acima, tais transferências podem abranger também a estrutura gramatical, sintaxe e morfologia – podendo envolver inversões na ordem dos constituintes da oração, ou na generalização de regras de formação de palavras – e o sistema semântico e lexical. Segundo Frans Van Coetsem (1988), a fonologia e a gramática – incluindo aqui a sintaxe e a morfologia – são geralmente mais estáveis do que o léxico. Neste trabalho, analisaremos os itens lexicais da língua macuxi que tiveram origem provável em empréstimos da língua portuguesa.

¹⁷ São excluídos aqui os casos de “bilinguismo perfeito” onde o falante tem a aquisição simultânea de duas línguas, ou quando a L2 é adquirida ainda no período considerado ótimo para aquisição de línguas.

De acordo com Einar Haugen (1950) o empréstimo linguístico é uma tentativa de reprodução numa língua de padrões pertencentes a outra língua, esta tentativa não é uma simples imitação, mas ao contrário, consiste na tentativa de reprodução natural da palavra original. O empréstimo linguístico pode ser entendido como a transferência de traços de um sistema linguístico para outro sistema linguístico.

Na literatura sobre empréstimos e contato linguístico encontramos os termos língua receptora, para referir-se àquela que recebe a influência, ou seja, admite em seu sistema elementos que originalmente pertencem a outro sistema linguístico, e língua fonte para aquela que influencia, ou seja, "doa" elementos linguísticos para outra língua.

No caso de itens lexicais "emprestados", a palavra que passa da língua fonte para a língua receptora pode sofrer um processo de re-análise, uma adequação ao padrão silábico ou uma adaptação fonológica, na língua receptora é chamado de empréstimo. Outra possibilidade pode ocorrer: o item lexical transplantado pode sofrer um processo de adaptação semelhante ao processo de tradução, o que é chamado de decalque na literatura especializada.

Como dito anteriormente, a adoção de empréstimos linguísticos pode ser motivada pela necessidade de atribuir nomes a novos conceitos, nomes de pessoas, lugares e objetos e a introdução de produtos importados de outra cultura.

A palavra que passa pelo processo de empréstimo possui um padrão em sua língua original, o chamado modelo, que sofrerá uma re-análise na língua receptora. Assim desde o início do processo de empréstimo este modelo está sujeito a modificações, pois causa em sua importação uma inovação na língua que o recebe. Assim, na tentativa de reproduzi-lo, o falante pode substituir um traço fonológico por um padrão similar em sua língua. Este fenômeno ocorre pela comparação linguística que o falante faz entre os dois sistemas linguísticos. O tipo de substituição mais descrito na literatura é a substituição de padrões fonéticos. No entanto, em menor escala, podemos observar a existência de substituição de padrões morfológicos e sintáticos.

Einar Haugen (1950, p. 230-231), analisando os itens lexicais, menciona a seguinte classificação para os empréstimos linguísticos:

- a. *Loanword*: inclui quase todos os tipos de empréstimos, onde os falantes importam o significado e a fonologia da palavra.

- b. *Loanblend*: a palavra importada sofre processo de adaptação parcial, que inclui os chamados híbridos.
- c. *Loanshifts*: onde ocorre a adaptação completa da palavra.

Utilizando uma ótica diferente sobre os empréstimos, Agostinus Staub (1983) apresenta outra classificação para os empréstimos linguísticos: empréstimos diretos, aqueles que migram diretamente da língua fonte para a língua receptora, e empréstimos indiretos, aqueles não nativos na língua fonte, possuindo, desta forma, um estágio intermediário de migração.

Nesta análise dos empréstimos lexicais presentes no uapixana e no macuxi baseamo-nos nos conceitos de língua fonte (português) e língua receptora (macuxi), e para a classificação dos empréstimos as análises propostas por Einar Haugen (1950) e Agostinus Staub (1983).

Adotamos a visão de empréstimo presente em Uriel Weinreich (1974), onde ele afirma que o contato linguístico gera uma situação de bilinguismo e, como este bilinguismo não é perfeito, gerará uma interferência linguística. A interferência linguística que ocorre nas situações de contato linguístico pode ser considerada o primeiro passo do surgimento dos empréstimos.

5. *Análise dos dados*

A língua, como parte integrante da cultura, também pode revelar aspectos desse contato, e o dicionário, como elemento que guarda uma fração da língua, pode constituir-se em uma fonte de informações relativas à língua e à cultura de um povo. De acordo com Krieger (2007)

o dicionário de língua assume o papel de código normativo de um sistema linguístico, além de ser um componente de expressão cultural e ideológica. Isto porque o léxico, em virtude de sua natureza primeira de nomear, é, semanticamente, coextensivo à cultura que o suporta e à realidade por ele recortada.

Assim, as marcas do contato linguístico e cultural, que podem ser encontradas em diversos aspectos da vida das comunidades que estão ou estiveram em situação de contato, podem também ser encontradas no dicionário.

Os dados utilizados para esta análise foram retirados dos dicionários de língua macuxi: *Makuxi Maimu Língua Makuxi Guias para Aprendizagem* e *Dicionário da Língua Makuxi* (AMÓDIO & PIRA,

2007) e do *Dicionário da Língua Makuxi*. (RAPOSO, 2008)

Para realizar a análise proposta neste artigo foi necessário conhecer a estrutura gramatical das línguas indígenas receptoras dos empréstimos de língua portuguesa. Utilizamos: Emanuele Amódio e Vicente Pira (2007) e Ronald Beaton MacDonell (2003), o primeiro se refere às duas primeiras partes do livro *Língua Makuxi Makuxi Maimu Guias para Aprendizagem*, e o segundo é uma tese de PhD sobre empréstimos e alternâncias de código ocorridas no contato entre o macuxi e o português.

Ao analisarmos os dicionários de língua macuxi, pudemos perceber um número significativo de itens de origem portuguesa, principalmente itens relativos à cultura material que eram estranhos a estes povos. No quadro abaixo citamos alguns:

"akusa" – agulha
"su"ka" – açúcar
"areruya" – aleluia
"kamixa" – pano
"kaixa" – caixa
"kanka" ¹⁸ – canga
"kuire" – colher
"prattu" – prato
"carineru" – carneiro

Quadro 1: Empréstimos

Consideramos tais palavras como empréstimos linguísticos por referirem itens que foram inseridos na cultura macuxi pelo contato com outros povos e não que faziam parte de seu mundo, como papel, cavalo e agulha. Era necessário criar um item lexical para referir-se a estes novos objetos, e a solução linguística foi o empréstimo. Em menor escala outro fator considerado para a seleção dos dados foi a semelhança da forma dicionarizada com a língua fonte, o português.

Os empréstimos do macuxi que apresentam claramente algum tipo de adaptação fonética e/ou fonológica ao sistema linguístico macuxi: "camixa" – pano, "*cauare*" – "cavalo", "*curara*" – "curral" e "areruia" – aleluia. No macuxi, o item "*careta*" que inicialmente poderia ser usado para significar *carta* passou pelo processo de extensão semântica e hoje significa também "livro", e "papel".

¹⁸ A letra "k" neste contexto de ocorrência é pronunciada como [g]

De acordo com a proposta de Einar Haugen (1950), podemos classificar os empréstimos aqui citados em *loanword*, *loanblend* e *loanshifts*. Vejamos as tabelas abaixo:

<i>Loanword</i>	<i>Loanblend</i>	<i>loanshifts</i>
"Kaixa" - caixa "Kanka" - canga	"akusa" - agulha "su"ka" - açúcar "areruya" - aleluia "kamixa" - pano	

Tabela 1: Classificação dos empréstimos do português na língua macuxi segundo Einar Haugen (1950)

Um dado chama atenção e merece ser citado e discutido: a palavra para denominar gato em macuxi é "*pisana*". Em língua portuguesa temos a palavra "bichano" utilizada, frequentemente, como sinônimo de "gato". O que nos faz considerar este item como empréstimo não é somente a semelhança fonológica entre "bichano" e "pisana", mas o fato deste animal não ser natural da região onde habitam os macuxis, sendo o próprio animal uma inovação na cultura deste povo.

Numa segunda análise dos dados aqui expostos, e através da comparação com dados apresentados por Lessa (2003), identificamos que alguns empréstimos considerados inicialmente como empréstimos diretos do Português, seriam na realidade empréstimos oriundos da língua geral amazônica. E estes itens de língua geral amazônica teriam sido originados no contato do tupi com a língua portuguesa. São eles:

"kamixá" - "camisa"
"kaware" - "cavalo"
"kurara" - "curral"

Quadro 2 – Empréstimos originários da língua geral amazônica

Retomando a proposta de Agostinus Staub (1983) para a classificação de empréstimos linguísticos, apresentada na seção 3 deste artigo, teremos que subdividir os empréstimos de língua portuguesa em dois grupos: os empréstimos diretos e os indiretos. Vejamos a tabela abaixo:

<i>Diretos</i>	<i>Indiretos</i>
"kaixa" - caixa	"kamixá" → "camixá" → camisa
"kanka" - canga	"kaware" → "cavaru" → cavalo
"manka" - manga	"kurara" → "curára" → curral
"prattu" - prato	
"pisana" - gato	

Tabela 3: Classificação dos empréstimos do português na língua macuxi segundo Agostinus Staub (1983)

Assim os itens apresentados acima constituem empréstimos indiretos do português no léxico macuxi, pois passaram por um estágio intermediário em língua geral amazônica, e sofreram nesta língua os processos de regularização fonológica e foi esta forma que migrou para a língua macuxi. Sem considerar este percurso classificamos inicialmente estas palavras como sendo *loanblends*, como propõe Einar Haugen (1950), ou seja, como palavras da língua portuguesa que foram adaptadas aos sistemas linguísticos receptores. O percurso de tais itens então seria:

(i) *Português > Nheengatu > macuxi*

A análise preliminar dos dicionários de língua macuxi confirmou a existência de empréstimos linguísticos originários da língua portuguesa, quer de forma direta ou indireta, e revelou ainda a existência de contribuições lexicais de outras línguas indígenas, em especial de línguas da família tupi, em especial da língua geral amazônica e do espanhol e inglês, que não foram tratados neste artigo por não ser esta a proposta.

6. Considerações finais

Como resultado da análise realizada, podemos constatar que, no dicionário de língua macuxi, a presença de empréstimos linguísticos, citados na literatura como marcas da interferência cultural, e de relatos que nos dão informações sobre o quanto o contato com não-indígenas trouxe mudanças em diversos aspectos da cultura deste povo.

A existência de empréstimos linguísticos em uapixana e macuxi que possuem origem em outras línguas, no caso específico deste artigo os itens com origem na língua portuguesa, revelam o quadro histórico de intenso contato destes povos com outros povos indígenas e não-indígenas, provavelmente a partir de seu primeiro contato com o colonizador no século XVIII. É reveladora a existência de empréstimos em áreas distintas tendo o português como língua fonte: itens de cultura material, termos de parentesco e preposição, o que prova linguisticamente a situação de contato, bilinguismo e interferência como origem dos empréstimos, de acordo com Uriel Weinreich (1974).

Em razão da complexa interface que o léxico possui, uma interface tanto linguística, interagindo com os demais níveis de análise linguística, quanto extralinguística, nos mostrando dados a respeito da história, da cultura e da forma de pensar dos povos. Estudos mais aprofundados sobre a constituição do léxico das diversas línguas, aqui em especial do

macuxi, poderiam então revelar bastante da história, da situação linguística e das formas de pensar dos povos indígenas.

Aqui apresentamos uma análise de algumas contribuições lexicais da língua portuguesa para a língua macuxi, muitos dados não foram utilizados neste artigo por julgarmos necessário confirmar com falantes nativos de macuxi as impressões linguísticas que tais itens revelam.

Muitas perguntas ainda precisam ser formuladas e respondidas, mas de certo estudos mais detalhados sobre o léxico das línguas aqui analisadas trarão muitas contribuições para a história destas etnias, da língua portuguesa e da construção do estado de Roraima. Poderemos também contribuir para a teoria linguística e para a linguística indígena sul-americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra Yurievna. The Arawak language family. In: DIXON, Robert Malcolm Ward.; AIKHENVALD, Alexandra Yurievna. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: CUP, 1999.

AMÓDIO, Emanuele; PIRA, Vicente. *Língua makuxi makuxi maimu guias para aprendizagem e dicionário da língua makuxi*. 3. ed. Manaus: Valer, 2007.

BAINES, Stephen Grant. *Os índios makuxi e wapichana e suas relações com estados nacionais na fronteira Brasil-Guiana*. Brasília: Série Antropologia 338, 2003.

CENTRO de Informação Diocesana (CIDR). *Índios de Roraima: makuxi, taurepang, ingarikó, wapixana*. Boa Vista: Coronário, 1989.

COETSEM, Frans Van. *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Holland: Foris Publication, 1988.

CUNHA, Carla Maria. *Um estudo da fonologia da língua Makuxi (Karib): inter-relações das teorias fonológicas*. Campinas: [s.n.e.], 2004

HAUGEN, Einar. The analysis of linguistic borrowing. *Language*, vol. 26, n. 2, p. 210-231, 1950.

LESSA, Antônio Luis Salim. *Análise dos empréstimos do português de um dicionário tupi de 1771*. 2003. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFPA

para obtenção do título de Licenciado em Letras, UFPA, Belém.

MACDONELL, Ronald Beaton. *Le renard et le singe: les emprunts et les alternances de code entre le Makuxi, langue caribe, et le portugais du Brésil*. 2003. Thèse présentée à la Faculté des études supérieures de l'Université Laval pour l'obtention du grade de Philosophiae Doctor (Ph.D.). – Département De Langues, Linguistique et Traduction Faculté des Lettres Université Laval, QUÉBEC.

PAYNE, David Lawrence. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, Desmond C.; PULLUM, Geoffrey K. *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton; New York: De Gruyter, n. 3, p. 355-499, 1991.

RAPOSO, Celino Alexandre. (Org.). *Dicionário da língua makuxi*. Boa Vista: UFRR, 2008

RODRIGUES, Arion Dal'Igna. *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, Alessandra de Souza. Léxico da língua wapichana: Um olhar sobre os empréstimos da língua portuguesa. In: *Abralin em Cena Roraima*. Boa Vista, 2008.

STAUB, Agostinus. *O empréstimo linguístico: um estudo de caso*. Brasília: Acadêmica, 1983.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1974.